

DIARIO DA MANHÃ ESCOLHA

Ribeirão Preto, 29/11/1983

Odila Mestriner no BANESPA

Em boa hora, a Assessoria Cultural do Campus e sua Coordenadoria, com o apoio da direção do Banespa, houveram por bem prestar uma homenagem a uma das mais importantes de Ribeirão Preto: ODILA MESTRINER. E o fazem através da Exposição denominada — Odila Mestriner — Releitura Gráfica 1958/1978, ou seja 20 anos de ininterrupta atividade artística. A mostra de Odilla será aberta no dia, 1.º de dezembro, às 17 horas, na Galeria “Campus — Usp — Banespa”, em Monte Alegre.

DESENVOLVIMENTO DA OBRA PALAVRA DE ODILLA MESTRINER

“A partir do olhar para dentro de mim mesma, a procura da identidade, o desenho foi o encontro que marcou definitivamente o meu caminho dentro da arte. O traço, a linha, foram os meus primeiros amores.

A temática inicial reflete o ambiente vivido, ou seja, casas/portas/janelas/portões, telhados, pequenas vilas/cidades e pontes da cidade onde cresci. Esses elementos foram transpostos para o espaço/papel dentro de rigorosas composições geométricas. As formas se repetem ganhando ritmos, formando estruturas simétricas e arquitetônicas. As linhas de tensão do trabalho, são sempre horizontais/verticais. Os valores tonais das formas são determinados pela repetição das linhas, colocadas sempre justapostas ou sobrepostas.

Na segunda etapa, o rigor da composição é quebrado pelas formas arredondadas de gatos e passaros que convivem nas casas. A linha de horizonte que marca a posição do quadro é eliminada e as casas rodam, sem posição definida, criando a ilusão dinâmica do espaço. Os passaros giram sobre elas e os gatos passeiam em suas fachadas. Elementos de colagem são anexados aos trabalhos, cortando e agredindo as figuras. É a busca do relevo, da terceira dimensão física.

Esgotadas essas imagens, passo à procura do homem na casa. Ele surge integrado em seu próprio habitat. A ambiguidade da Série “Figuras-Casas” e a fusão do homem no seu meio ambiente, e do meio ambiente no homem. Figura despersonalizada é apenas um elemento formal esquematizado onde boca e olhos, os dois sentidos predominantes da comunicação, o fazem participante, mas não no sentido apelativo.

Recortes de jornal colados, trabalhados, são fundidos na figura. As letras desenhadas, formam palavras que completam o sentido visual das formas...

Em seguida a figura do homem vai tomando corpo dentro da casa, vai se unindo, formando um todo e partindo em busca de um caminho. Partem em procissão, de estandartes em punho, a procura de direções. “Figuras em tempo de marcha”, multidão/humanidade, vista na rua, no circo, no campo de futebol, no festival de corais.... A ligação emocional é maior com a forma/símbolo. No retângulo central que representa o campo de futebol, figuras colocadas ao redor do quadro assistem ao jogo da vida, onde sinais de trânsito indicam: as tensões, busca de direções e limitações de cada um...

“Cabeças repetidas” mostra a multiplicação das figuras sobrepostas. Essas formas, na constante de sua repetição marcam o equilíbrio, o ritmo e a ordem. Os valores cromáticos das massas, refletem os valores morais, do bem e do mal, na dualidade do homem.

Com a fusão de duas técnicas gráficas, desenho e gravura, surge a Série “Variações em desenho em torno de uma forma gravada”. União de um processo direto de criação, desenho para outro, indireto a gravura. Partindo de um núcleo gravado, usando uma cópia da gravura é criado toda uma variação formal de espaços onde a figuração é contida. As figuras que sempre se repetiam exteriormente, ao lado ou sobre a outra, na Série “Transfiguradas” passam a se repetir dentro de si mesmas numa volta ao seu interior, para encontrarem e situarem-se.

Explorada e esgotada uma solução formal e um tema, parto na busca de novas propostas de trabalho...

A problemática de toda a obra sempre foi questionar o homem, o mundo, seu espaço e tempo. Mas na verdade representa, apenas, o reflexo do meu caminhar dentro da vida”.